

A cultura brasileira é um conjunto de diferentes culturas que sintetizam as diversas etnias que formam o povo brasileiro, devido a grande miscigenação de povos desde o período colonial. Em decorrência da retirada de povos africanos de suas terras para realização do trabalho escravo no Brasil, o país se tornou um grande bloco diversificado em âmbitos distintos, sendo eles, culturais, étnicos e religiosos.

Os portugueses trouxeram o catolicismo e hoje a maior parte da população brasileira segue essa religião, carregando as doutrinas, festas e tradições da Igreja Católica. Da mesma forma, com a chegada dos africanos, tais povos trouxeram sua religião, porém sendo obrigados a seguir a religião católica imposta pela colônia portuguesa, sem deixar de ressaltar os povos nativos que já possuíam sua própria religião e crenças. O estado do Maranhão também foi colonizado por portugueses e possui uma grande riqueza histórica e cultural, que muitas vezes não é conhecida e nem valorizada. Desde os tempos coloniais as terras maranhenses eram vistas com interesses econômicos, a cidade de Bacabeira- MA, foi um grande alvo de empreendimentos.

Por exemplo, em 1801, foi construído um engenho de cana de açúcar na comunidade que viria a ser chamada posteriormente de Engenho, localizada em Peri de Cima, quando este ainda fazia parte da Freguesia de Rosário. O Engenho pertencia à família Rocha, de origem portuguesa, a qual possuía grande quantidade de terras e escravos na região. A fazenda, típica construção do Brasil colonial, constituía-se de uma Casa Grande com Capela, edificada em louvor a Nossa Senhora da Conceição, local onde se encontrava uma imagem da Santa. A construção abrigava todas as dependências necessárias para o fabrico do açúcar, com as seções para o estoque da cana e a produção do melaço e da aguardente, como de costume, a senzala abrigava os negros responsáveis pelo cultivo e preparo da cana-de-açúcar e das demais etapas da produção. No início do século XIX, as três irmãs Rocha (Anica Rocha, Clementina Rocha e Rita Rocha) herdaram o engenho. As irmãs não possuíam filhos e tinham o hábito de “adotar” crianças, uma delas foi Zima Baima Souza, a D. Zima como é carinhosamente conhecida. Sendo ela a personagem de grande destaque deste trabalho, por ser a única sobrevivente da história do Engenho dos Rocha e protagonista feminina da cultura e religiosidade ainda viva nesta localidade.

Nascida no dia 07 de outubro de 1934, possui atualmente 89 anos e é considerada um patrimônio histórico e cultural vivo. A mesma é remanescente de escravos e relata que morava no Engenho em tempos de funcionamento quando era criança, afirma que foi bem criada e bem tratada na casa da família portuguesa. Possui um inventário de “bens móveis” que consiste um arquivo de catalogação de objetos e artefatos sacros, como imagens de santos da igreja de Igreja de Nossa Senhora da Conceição, trazidos para o Maranhão nos tempos coloniais que expressam grande valor cultural e religioso. D. Zima aprendeu desde cedo “a cuidar da Santa” a tradição foi repassada e ela deu continuidade às festas e tradições locais da Capela de Nossa Senhora da Conceição, onde anualmente acontecia o Festejo que leva o mesmo nome da igreja. A santa era padroeira da família Rocha.



Zima Baima Souza (D. Zima)
Fotografia: Rosana Martins

Além disso, a comunidade do Engenho conta com o tradicional Festejo do Divino Espírito Santo, que ocorre todos os anos no mês de setembro, realizado também por D. Zima que é umas das Caixeiras. O evento acontece em uma espécie de Clube/Barracão ao lado da praça da Igreja.

As terras do Engenho são oficializadas como “áreas remanescentes de quilombos” e a igreja da Nossa Senhora foi registrada pela IPHAN como Patrimônio Histórico Cultural e portanto “terra de santo”

Dona Zima, é mestre griô da comunidade, juntamente com outros dois protagonistas históricos, Sr. Manoel Tetéu e Dona Irene, ambos já são falecidos. Hoje, Dona Zima repassa seu conhecimento, costumes e tradições para jovens de sua localidade como por exemplo para o jovem Caio Emanuel Lima (mestre griô, ex-aluno IEMA IP Bacabeira, graduando em Ciências Sociais – UEMA) e sua neta Thalyane.

Para que a história desse lugar nunca seja esquecida, mas sempre levada adiante, ressaltamos a importância da valorização da cultura local que nos permite conhecer a História como forma de incentivo a preservação a memória coletiva, trazendo o conhecimento por meio da cultura popular passada de geração a geração e a riqueza cultural na nossa região que precisa fazer parte dos conteúdos de aula, ser conhecida e não apenas existir na memória de um pequeno grupo de pessoas, pois toda população tem o “direito à memória” e ela deve ser compartilhada.